

# OLISIPO



*BOLETIM DO GRUPO*  
*“AMIGOS DE LISBOA”*

**II SÉRIE - N.º 7 - DEZEMBRO 1998**

# SOBRE UMA INSCRIÇÃO ROMANA DA RUA DA MADALENA, EM LISBOA

José d'Encarnação\*

Lídia Fernandes\*\*

## 1 - INTRODUÇÃO

O presente texto versa sobre uma inscrição da época romana encontrada, em 1955, na Rua da Madalena, em Lisboa.

Numa pequena notícia publicada no Jornal *O Século*, Gustavo de Matos Sequeira dela nos dá conhecimento, ainda que nada refira quanto às condições do seu aparecimento ou contexto do achado (SEQUEIRA, 1955,1 e 2).

Desde essa altura, nenhum estudo de pormenor foi, até ao momento, realizado<sup>1</sup>. Pretende-se, deste modo, actualizar a leitura e fazer uma integração histórica da lápide no contexto socio-cultural da cidade de *Olisipo*.

## 2 - AS INSCRIÇÕES ROMANAS DA RUA DA MADALENA

Desconhecemos o local exacto onde a inscrição apareceu. Matos Sequeira limita-se a indicar que foi encontrada entre a Rua da Madalena e a Rua da Conceição, em Lisboa:

"Fomos ontem, de novo, ver a pedra, agora posta no adro da Madalena em condições de poder ser examinada. Trata-se de um monumento funerário

com a curiosidade, que não é vulgar, de nela se inscreverem três corações, símbolos da ternura de quem erigiu a memória..."<sup>2</sup>.

Depara-se-nos interessante o facto de a lápide ter surgido neste local, uma vez que várias inscrições aí são referenciadas. A sua importância assim como o contexto urbanístico impelem-nos a afirmar estarmos perante um dos pólos mais ricos de *Olisipo*.

Na verdade, um conjunto de máximo valor diz respeito a três lápides que, pelas características evidenciadas, deverão ter pertencido a um mesmo edifício ou ter sido colocadas num mesmo espaço. Referimo-nos às bem conhecidas epígrafes dedicadas à deusa Cibele e a Mercúrio, publicadas por Vieira da Silva<sup>3</sup> e variadíssimas vezes referenciada<sup>4</sup>.

A outras inscrições faz menção o autor: uma dedicada à deusa Concórdia<sup>5</sup>, encontrada junto da antiga igreja de S. Mamede; outra dedicada ao imperador Cómodo, situada "na parede dum

<sup>2</sup> SEQUEIRA, art. cit., p. 1. Facilmente se podem explicar os "corações" referidos por Matos Sequeira: trata-se das vulgares *hederae distinguentes* tão habituais nas inscrições de época romana. Curiosa se torna, assim, a interpretação do autor, sobretudo quando refere que tais elementos são raros na epigrafia latina.

<sup>3</sup> SILVA, Vieira da, *Epigrafia de Olisipo*, ed. C.M.L., Lisboa, 1944, pp. 120-123, n.ºs 25 e 26.

<sup>4</sup> Citaremos simplesmente a última publicação que se lhes refere: ALMEIDA, Justino Mendes de, "Os Monumentos Lusitano-Romanos da Rua das Pedras Negras", *Olisipo*, Boletim do Grupo «Amigos de Lisboa», II.ª Série, n.º 5, Lisboa, 1997, pp. 21-25.

<sup>5</sup> SILVA. ob. cit., pp. 118 e 119.

\* Professor catedrático da Universidade de Coimbra

\*\* Arqueóloga da Divisão de Museus da Câmara Municipal de Lisboa – Museu da Cidade. Mestre em História de Arte.

<sup>1</sup> Ainda que alguns autores a tenham referenciado; vide por exemplo: Moita, Irisalva, *O Livro de Lisboa*, Livros Horizonte, Lisboa, 1994 p. 43 e n. 74.

casas da rua (*Travessa do Barreiro, em 1755*), que ia do Terreiro dos Martines (*do Ximenes*) para as Pedras Negras (*Rua*), defronte da travessa (*Rua do Quebra-Costas, de 1755*), que saía da Fancaria<sup>6</sup>; uma terceira, provavelmente também um cipo funerário, em honra de Cúria Fundana, encontrava-se, em meados do séc. XVII, na fachada posterior da igreja da Madalena<sup>7</sup>.

### 3 - O CONTEXTO URBANÍSTICO

Para além das inscrições encontradas na área da Rua da Madalena junto à Rua da Conceição, são importantes os edifícios romanos que actualmente se sabe terem existido nas imediações. As termas da Rua das Pedras Negras, as designadas termas dos Cássios, intervencionadas há alguns anos pelo Gabinete Técnico do Teatro Romano e onde um dos presentes signatários (L.F.) participou, depara-se-nos como um dos edifícios que, a par dos restantes desta zona - teatro romano, via romana e *tabernae* anexas no Claustro da Sé e edifício público do Largo de Stº António - nos levam a considerar esta área como fazendo parte da cidade civil, em oposição à cidade mercantil ou industrial, situada mais abaixo, junto ao esteiro do rio Tejo - Rua dos Fanqueiros, Rua Augusta e Rua da Conceição - como o comprovam as inúmeras cetárias encontradas nestes locais.

A existência de tais edifícios prende-se com a questão da localização do *forum* da cidade de *Olisipo*. A este respeito escreve Irisalva Moita:

“A partir do século I não há dúvida que o centro da cidade e respectivo *forum*, ainda não identificado mas pressentido, situavam-se na plataforma, em parte, provavelmente construída artificialmente, situada nas imediações da Sé, ela própria uma sucessora de algum dos monumentos desse mesmo *forum* (...). No entanto,

os indícios que mais abonam a favor de se ter situado o *forum* naquelas imediações, residem na localização dos principais edifícios públicos da cidade romana (...) nas proximidades e de a maior parte das inscrições honoríficas dedicadas aos imperadores ou a membros da família imperial (...) terem sido encontradas no interior da mesma zona „, „<sup>8</sup>.

Em 1988, Jorge de Alarcão defendia que a praça pública estaria localizada junto à igreja da Madalena<sup>9</sup>, afastando antigas opiniões que a situavam no local onde hoje se levanta a igreja de St.º Cruz do Castelo<sup>10</sup>.

Theodor Hauschild indica um outro local, que, no entanto, não nos parece muito plausível: concretamente o Largo dos Lóios<sup>11</sup>. Assim sendo, o teatro ficaria situado na parte inferior, a oeste daquela praça. Como nenhuma intervenção arqueológica foi feita naquele sítio, apenas futuras investigações poderão trazer informação sobre o assunto.

Vasco Gil Mantas, em 1990, segue a ideia de Jorge de Alarcão, ainda que alargando a sua área provável, ou seja, indicando toda a zona entre a igreja da Madalena e a Catedral<sup>12</sup>.

Por seu lado, Cardim Ribeiro apresenta-nos, em 1994, uma outra hipótese, desta vez totalmente diferente: a provável existência de um *forum* municipal, distinto do que define como “*forum* corporativo”, localizado nas “Galerias Romanas da Rua da Prata”, no sítio correspondente às antigas ruas pré-pombalinas da “Padaria”, “Carneçarias”, da “Alfândega Velha” e dos “Ourives da

<sup>8</sup> MOITA, ob. cit., pp. 45 e 46.

<sup>9</sup> ALARCÃO, Jorge de, *Roman Portugal*, Vol. II, Fasc. 2, Warminster, p. 124.

<sup>10</sup> MOITA, Irisalva, “Problemas da Lisboa romana. A recuperação do teatro de Olisipo”, *Arqueologia de las Ciudades Modernas Superpuestas a las Antiguas*, Zaragoza, 1983, p. 289.

<sup>11</sup> Citado por RIBEIRO, José Cardim, “Breve nota acerca do criptopórtico de Olisipo e da possível localização do «forum corporativo»”, *Bracara Augusta*, vol. XLV, Encontro de Arqueologia Urbana, Braga, 1994, p. 84.

<sup>12</sup> MANTAS, Vasco Gil, 1990, p. 163.

<sup>6</sup> SILVA, ob. cit., p. 117.

<sup>7</sup> SILVA, ob. cit., pp. 129 e 130.

Prata". Em seu entender, "a superfície considerada, de perfil rectangular e orientada aos quatro pontos cardeais, poderia muito bem corresponder ao local de implantação do *forum* municipal de *Olisipo*. Este apresentar-se-ia, assim, virado ao Tejo e perpendicular ao suposto *forum* corporativo"<sup>13</sup>.

As dimensões que, definidos assim, possuiriam os dois *fora* são idênticas entre si. Este facto, aliado à perpendicularidade perfeita das duas estruturas, juntamente com a ortogonalidade da cidade pré-pombalina em comparação com o que nos é dado a observar na zona envolvente, são aspectos abonatórios de tal hipótese. A notícia da existência de um cais de época romana localizado na Rua das Canastras, em local muito próximo, constitui igualmente mais um elemento a favor.

Apesar de não querermos multiplicar as hipóteses de localização da praça pública de *Olisipo*, os vestígios por nós próprios encontrados no Largo de Stº António, em escavação conjunta realizada pelo Museu da Cidade e o I.P.P.A.R. em 1993<sup>14</sup>, revelaram-se de inegável importância quanto a alguns aspectos urbanísticos desta época e aproximando-se, até certo ponto, da ideia apresentada por Irisalva Moita.

Com efeito, as estruturas colocadas a descoberto, embora a exiguidade da área escavada pouco tenha permitido concluir acerca da funcionalidade do edifício, correspondem a construções que, pela sua qualidade, período de ocupação e implantação poderão indiciar, de algum modo, edifícios relacionados com o *forum* da cidade.

As estruturas, datadas do séc. I, orientam-se paralelamente ao actual largo de Stº António, isto é, no sentido E/W. A face externa do edifício, virada a norte, terá funcionado, ao mesmo tempo, como

suporte de terras, uma vez que a solução construtiva evidenciada nos mostra um corte perfeitamente vertical da argila, à qual é adossado um muro em alvenaria, com ligante constituído por argamassa amarelada. Semelhante solução encontramos igualmente nas Termas dos Cássios, num muro de orientação sensivelmente N/S. Internamente, deparamo-nos com uma cornija reentrante, a cerca de meia altura da parede conservada. Restos de argamassa, semelhante a *opus albarium*, ainda se conservavam em três camadas sobrepostas. Apesar de não terem sido encontrados *in situ* vestígios de fresco, variadíssimos fragmentos policromos foram recolhidos nas camadas próximas do pavimento.

Uma grande pedra facetada, de calcário, poderá ter pertencido ao pavimento original do edifício. A estrutura prolonga-se para oeste, através de adossamento de um outro muro, ainda que esta possível divisão, ou edifício A, termine em ângulo quase recto, local onde os vestígios de estuque/reboco são mais evidentes. O muro delimitatório norte, inflectindo, no entanto, o seu sentido para SE e aumentando a sua largura, faz prever a continuação da estrutura nesse sentido.

Estas construções podem, como já referimos, pertencer a alguns edifícios do *forum*. Seguindo a mesma orientação das "galerias romanas", poderão corresponder a construções que delimitavam, a norte, aquela praça, que se encontraria, deste modo, axializada pela catedral e abrangendo todo o patamar da área que, a sul, se encontra hoje ocupada pelos edifícios pombalinos da Rua de Stº António.

A permanência da funcionalidade desta zona como espaço de culto; o traçado que, posteriormente, descreveria a Cerca Moura no local, coincidindo com parte das estruturas postas a descoberto a oeste; e a abundância de inscrições encontradas no Largo de Stº António, assim como a entrada triunfal da cidade materializada durante tanto tempo pela antiga igreja da Consolação - são indí-

<sup>13</sup> RIBEIRO, *ibidem*.

<sup>14</sup> FERNANDES, Lúcia, VALE, Ana, "Intervenção arqueológica no Largo de Stº António da Sé", *Almadan*, II.ª série, n.º 3, 1994, p. 109.

cios a não esquecer, abonatórios da hipótese que acabamos de apresentar<sup>15</sup>.

O aparecimento de mais uma inscrição neste local não é, pois, de estranhar, integrando-se perfeitamente num contexto de inscrições honoríficas e funerárias, como é o caso, que surge nesta área da cidade civil.

#### 4 - A INSCRIÇÃO

Trata-se de um pedestal paralelepípedo, de lioz rosa-claro, com vergadas mais escuras, praticamente intacto: ligeiras escoriações nas arestas e apenas o vértice superior sofreu uma fractura que levou parte das primeiras letras. J. Cardim Ribeiro, em cartão que teve a gentileza de nos escrever a 5 de Outubro de 1997, chama-lhe “avantajado cipo prismático”, acrescentando que não deveria ter sido “coroadado por um vulgar capeamento, mas sim por uma estátua! Na face superior ostenta os característicos encaixes, ladeando o sepulcro”. Tudo isso vem confirmar o que atrás se discute acerca do contexto original da peça: apesar de ser funerário, a circunstância de apresentar a concavidade para prensão da estátua (há mesmo vestígios de “ferrugem” nos encaixes), o nome do defunto vir em dativo e a fórmula final ser *ponendum* e não *faciendum* empresta-lhe uma conotação honorífica que se quadra bem com a possibilidade de o monumento ter sido pensado para figurar num recinto público e não para assinalar o local de sepultura.

O monumento encontra-se exposto no Museu da Cidade de Lisboa (Sala de Romano III), onde detém o n.º de inventário 239.

Dimensões: 142 x 71 x 52. Encaixes: o do lado direito - largura: 8,5; compri-

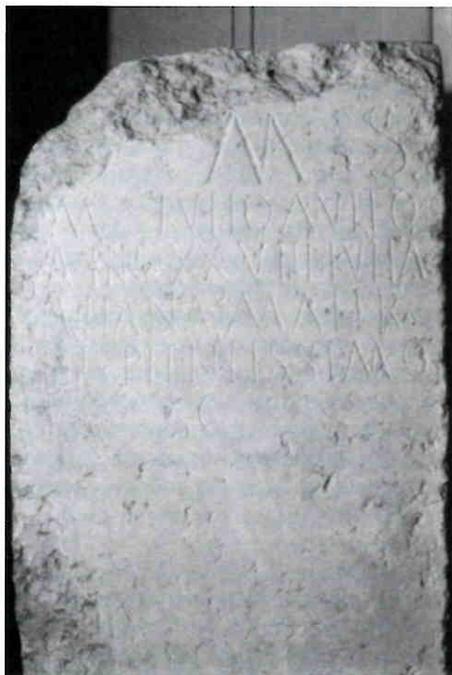
mento: 23; profundidade: 9. O do lado esquerdo - largura: 6,5; comprimento: 23; profundidade: 9. Distância entre os encaixes: 31,5. Concavidade central: diâmetro = 15; profundidade = 6,5.

Campo epigráfico: 142 x 71.

D(is) M(anibus) S(acrum) / M(arco) (hedera) IVLIO AVITO (hedera) / ANN(orum) . XXVIII (octo et viginti) (hedera) IVLIA / IVLIANA (hedera) MATER / FIL(io) (hedera) PIENTISSIMO / P(onendum) (hedera) C(uravit) .

Consagrado aos deuses Manes. A Marco Júlio Avito, de 28 anos. Júlia Juliana, a mãe, mandou colocar ao filho modelo de piedade<sup>16</sup>.

Altura das letras: 1. 1: 12; 1.2 e 3: 6; 1.4 a 6: 6,5. Espaços: 1:11,5; 2:2; 3 a 6: 1,5; 7: 77.



<sup>15</sup> As considerações que apresentamos sobre o *forum* da cidade de *Olisipo* vêm referidas na dissertação final de Mestrado de um dos signatários (L.F.), dissertação subordinada ao tema *Capitéis Romanos da Lusitânia Ocidental*, apresentada em Março de 1998 à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

<sup>16</sup> A título de mera curiosidade, registemos a tradução apresentada por Matos Sequeira: “Aos Sacros Deuses Manes. A Julio Anito filho estremosíssimo mandou erigir esta memoria sua mãe Julia Juliana”.

ACCIAIUOLI 1955 (mera referência); SEQUEIRA 1955 (notícia do achamento e breve comentário, cujo autor não vem expressamente identificado; no entanto, a foto que o ilustra mostra “os olisipografos srs. Luís Pastor de Macedo e Gustavo de Matos Sequeira” a examinarem “o cipo funerário romano”); COELHO 1993 (a foto do monumento preenche toda a página 16, como simples ilustração).

Campo epigráfico polido. A paginação segue um eixo de simetria na 1.1, em que as iniciais da fórmula consecratória são de módulo bastante grande, como que a salientar expressamente o carácter funerário do monumento, quando, na realidade, se pretendia justamente que ele fosse considerado com valor honorífico. Esperar-se-ia aí qualquer pontuação, que é, no entanto, inexistente. Aliás, apesar da esbelteza do conjunto, não houve critério uniforme por parte do *ordinator* em relação à pontuação: tanto usa heras bem cordiformes, de requintado recorte e pecíolo breve, como singelos pontos, como nada usa. Veja-se, a título de exemplo, a 1. 2, onde há muito espaço entre o M e IVLIO; falta pontuação a seguir e existe no final uma hera desnecessária. Houve, sobretudo, preocupação de alinhar o texto à esquerda, preocupação que foi levada ao extremo na última linha, onde a fórmula seria naturalmente centrada. Em suma, não obstante a regularidade do texto, paginado na parte superior do campo epigráfico para facilitar uma leitura quase ao nível do olhar, estes pequenos lapsos dão conta de que o *ordinator* não dominava inteiramente as técnicas epigráficas.

Os caracteres são actuários: barras breves (inexistentes as dos AA), ténues e ligeiramente onduladas; O oblongo; M assimétrico e muito aberto, inclinado para a esquerda, assim como o V e o X (contudo, as letras revelam-se, no seu conjunto, verticais); P aberto e R feito a partir do P; S assimétrico. Na L. 3, os

NN enlaçam-se um no outro. Paleograficamente, é texto datável do século II da nossa era, quiçá da sua segunda metade, atendendo ao uso do superlativo *pietissimo* e de *filio* em abreviatura.

Mãe e filho pertencem à *gens lulia*, como se sabe uma das mais frequentes em *Olisipo*, exactamente por ser uma fundação *lulia*. O facto de ambos pertencerem à mesma família e, na identificação do filho, se omitir a menção do patronímico leva-nos a supor que se trata, muito provavelmente, duma família romanizada mas de raízes indígenas. Aliás, tanto o *cognomen Avitus* como *luliana* (formado a partir do gentílico *Iulius*) - muito comuns e patentes, inclusive, na epigrafia olisiponense - apontam igualmente nesse sentido. Em todo o caso, seria um ramo desta *gens* com algum poder económico e social, pois doutra sorte se não entenderia a oportunidade, que lhe foi concedida, de erigir um monumento com estas características num lugar público.

Anote-se, finalmente, que a dor pelo passamento do filho ainda na flor da idade fica bem expressa na redundância *mater - filio*, a que o superlativo *pietissimus*, ainda que estereotipado, empresta aqui um realce suplementar.

## BIBLIOGRAFIA

ACCIAIUOLI, L., “Achados romanos nas ruas da Conceição e da Madalena”, *O Século*, n.º 26394, 25-09-1995, p. 1 (últ. col.) e p. 2 (col. 1).

ALARCÃO, Jorge de, *Roman Portugal*, Vol. II, Fasc. 2, Warminster, 1988.

ALMEIDA, Justino Mendes de, “Os monumentos lusitano-romanos da Rua das Pedras Negras”, *Olisipo*, Boletim do Grupo «Amigos de Lisboa», II.ª Série, n.º 5, Lisboa, 1997, pp. 21-25.

COELHO, António Borges, "Esta cidade de Lisboa", *Reabilitação Urbana - Núcleos Históricos*, Pelouro da Reabilitação Urbana dos Núcleos Históricos, Câmara Municipal de Lisboa, Março 1993, pp. 13-42.

FERNANDES, Lídia, VALE, Ana, "Intervenção arqueológica no Largo de Stº António da Sé", *Al-madan*, II.ª série, nº 3, 1994, p. 109.

FERNANDES, Lídia, *Capitéis Romanos da Lusitânia Ocidental*, dissertação de Mestrado apresentada em Março de 1998 à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

MANTAS, Vasco Gil, "As cidades marítimas da Lusitânia", *Les Villes de Lusitanie Romaine*, Coll. de la Maison des Pays Ibériques, 42, ed. C.N.R.S., Paris, 1990, pp. 149-205.

MOITA, Irisalva, "Problemas da Lisboa romana. A recuperação do teatro de Olisipo", *Arqueologia de las Ciudades Modernas Superpuestas a las Antiguas*, Zaragoza, 1983, pp. 287-302.

MOITA, Irisalva, *O Livro de Lisboa*, Livros Horizonte, Lisboa, 1994.

RIBEIRO, José Cardim, "Breve nota acerca do criptopórtico de Olisipo e da possível localização do «forum corporativo»", *Bracara Augusta*, vol. XLV, Encontro de Arqueologia Urbana, Braga, 1994, pp. 191-200.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos, "Foi identificado o cipo funerário romano, encontrado na Rua da Conceição", *O Século*, 28-09-1955, pp. 1 e 2.

SILVA, Vieira da, *Epigrafia de Olisipo*, ed. C.M.L., Lisboa, 1944.